

OPINIÃO

E tudo o Brexit levou?



JOANA WHYTE

Associada da SRS Advogados

Por mais que as críticas e o euroceticismo proliferem, é inegável que existem várias e boas razões para pertencer à União Europeia. De entre as principais vantagens destacam-se, desde logo, as quatro liberdades fundamentais: livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais. Estas quatro liberdades são essenciais para o crescimento e desenvolvimento da indústria da moda em toda a União Europeia – afinal, foi no continente Europeu que a moda nasceu.

No que respeita à moda em particular, o Brexit poderá ter um efeito muito negativo. Um estudo da Oxford Economics, divulgado pelo British Fashion Council, revela que em 2016 a indústria da moda contribuiu com cerca de 33 biliões de euros para o PIB britânico. Resulta de um estudo desta mesma entidade, datado de 2015, que no Reino Unido a moda emprega cerca de 880 mil pessoas.

Com o propósito de assegurar que a indústria da moda é ouvida nas negociações do Brexit, a recém-criada Fashion Roundtable apresentou um *White Paper* sobre as suas principais inquietações no que respeita aos efeitos do Brexit. Este documento destaca as três principais áreas com implicações para o setor: a manutenção do mercado único; do envolvimento nos programas de financiamento cultural, educacional e empresarial da UE; e, as garantias para os cidadãos da UE que residem no Reino Unido.

O fim da liberdade de circulação de pessoas e trabalhadores determinará o aumento de dificuldades para as marcas britânicas que queiram recrutar jovens talentos e profissionais qualificados naturais de Estados-membros da União, bem como dificultará o acesso de profissionais e recém-licenciados britânicos a postos de trabalho em grandes e conceituadas casas de moda com sede na UE (por exemplo, em França e na Itália). A necessidade de requerer visto irá acarretar custos adicionais e atrasos que colocam o Reino Unido

em séria desvantagem face a concorrentes de outros países da UE.

O fim da liberdade de circulação de mercadorias determinará o aumento das barreiras à importação de produtos produzidos fora do Reino Unido. Assim, não só dificultará o acesso de consumidores britânicos a produtos finais, como também o acesso das marcas a componentes produzidos na UE (entre os quais tecidos e peles). Resulta deste estudo que 75% dos materiais utilizados na produção de produtos desenhados ou produzidos no Reino Unido são importados.

Por outro lado, os programas de apoio e de financiamento promovidos pela UE – tais como o Horizonte 2020 – são fundamentais para o apoio a *startups* e para o desenvolvimento de novas oportunidades não só para as empresas, mas também para as regiões. O Fashion Round Table defende que o Reino Unido deve manter o compromisso financeiro para com estes programas, por forma a garantir que as empresas e regiões britânicas possam continuar a candidatar-se a financiamento e oportunidades.

A verdade é uma, independentemente da qualidade do acordo final celebrado entre o Reino Unido e a União Europeia – nenhum acordo oferece o mesmo nível de liberalização de serviços do que a adesão à UE. ●

O fim da liberdade de circulação de pessoas e trabalhadores vai ditar o aumento de dificuldades para as marcas britânicas que queiram recrutar jovens talentos e profissionais qualificados naturais de Estados-membros da UE